

QUARTEIRÃO DOS LAGARES

CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA ECONÓMICA DA MOURARIA

TIAGO NUNES, IOLA FILIPE Era – Arqueologia, S.A.

RESUMO Os trabalhos arqueológicos realizados no Quarteirão dos Lagares permitiram identificar contextos arqueológicos preservados, de época moderna, na sua maioria interpretados como áreas de lixeira ou de despejos de produção cerâmica. Na sondagem 3 a identificação de uma fossa, cheia por depósitos nos quais se destaca a presença de cinzas e as características dos materiais que foram recolhidos, nomeadamente defeitos no vidro e trempes, que sustentam a interpretação desta área se relacionar com os despejos resultantes da produção de cerâmica.

Em relação à cerâmica importada recolhida na presente escavação, destacam-se as faianças da zona valenciana, em maior quantidade, existindo ainda faianças importadas da área de Sevilha e louça majólica produzida em Itália, para além de uma muito reduzida presença de porcelana importada da China.

A análise preliminar dos materiais permite datar a formação destes contextos de época moderna, com especial incidência nos séculos XVI/XVII, com excepção para a sondagem 9, cuja formação dos depósitos identificados datam de final do século XIX, inícios do século XX.

Existem outros indícios da actividade de produção oleira nesta zona, resultante de outros trabalhos arqueológicos, nomeadamente âmbito do Plano de Renovação da Rede da Epal, realizados nas Escadinhas do Monte, onde se recolheram, ainda que descontextualizadas, trempes, indicadores da produção oleira, em associação com contentores cerâmicos e cerâmica de construção. Na Rua da Amendoeira, situada a Sul da Rua dos Lagares, registou-se um forno de cerâmica comum e telha, datado do século XV. A própria toponímia das ruas, nomeadamente a Rua das Olarias, poderá funcionar como um indicador de contextos arqueológicos ainda preservados no sub-solo.

PALAVRAS-CHAVE Mouraria, economia, produção oleira, cerâmica de importação

INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos realizados no Quarteirão dos Lagares (freguesia do Socorro, concelho e distrito de Lisboa) consistiram na realização de nove sondagens de diagnóstico, numa área total de cerca de 50 m² e três sondagens parietais (0,5 m x 0,5 m cada), tendo como objectivo caracterizar funcional e cronologicamente este espaço, tendo igualmente por base os dados resultantes de trabalhos anteriores (Carvalho, Monteiro, Bugalhão, 2007), onde se identificaram vestígios de um jardim do século XVI, construído sobre contextos relacionados com a produção oleira. Os indícios desta actividade neste espaço são por isso indirectos, permitindo apenas colocar uma hipótese de trabalho que carece de confirmação.

A maioria dos depósitos escavados caracteriza-se pela presença frequente de cerâmica, sobretudo comum, existindo na sondagem 3 (Área 3) indícios claros de produção oleira, como sejam fragmentos de peças com defeitos no vidro e trempes. No entanto, à semelhança do que se verificou em trabalhos anteriores, não se identificou qualquer estrutura que pudesse ser interpretada como forno. As estruturas registadas situam-se nas sondagens 1, 4, 5 e 8, e reportam-se todas elas a ali-cerces e ruínas de antigas paredes do edificado e uma

estrutura em arco presente na sondagem 1.

No que respeita à componente artefactual recolhida, é constituída maioritariamente por fragmentos de cerâmica comum, estando igualmente representados fragmentos de cerâmica vidrada e trempes. A cerâmica de importação e faiança encontram-se igualmente representados, contudo, a sua expressividade numérica no conjunto total é reduzida.

QUARTEIRÃO DOS LAGARES E A PRODUÇÃO OLEIRA EM ÉPOCA MEDIEVAL/MODERNA

No imóvel denominado como Quarteirão dos Lagares realizaram-se três fases de trabalhos arqueológicos. As duas primeiras, da responsabilidade do Dr. Armando Sabrosa e do Dr. Clementino Amaro, permitiram identificar um jardim do século XVI, destruído e aterrado na sequência do terramoto de 1755. Como elementos constituintes deste jardim enumeram-se duas fontes com decoração (uma revestida a azulejos enxaquetados e outra com uma decoração embrechada), tanques, canalizações cerâmicas, canteiros e uma calçada.

Este jardim terá sido construído sobre contextos (depósitos) relacionados com a actividade oleira, que cronologicamente pode ser enquadrada entre o século XV e a primeira metade do século XVI. Estes contextos

reportam-se essencialmente a um depósito com elevada potência estratigráfica, com presença muito frequente de cerâmicas, restos de fauna, escórias e bolsas de carvões e cinzas, não se tendo registado qualquer estrutura relacionada com a produção oleira.

A presença desta actividade económica nesta área da cidade pode ser igualmente comprovada arqueologicamente em trabalhos realizados na Rua da Amendoeira, situada a Sul da Rua dos Lagares, onde se destaca a presença de um forno de cerâmica comum e telha, datado do século XV. De acordo com os autores, identificou-se ainda uma estrutura de funcionalidade indeterminada, com materiais associados dos séculos XIII-XIV.

Importa ainda destacar nas Escadinhas do Monte, em trabalhos de acompanhamento arqueológico realizados no âmbito do Plano de Renovação da Rede da Epal, a presença, ainda que descontextualizada, de trempes em associação com contentores cerâmicos e cerâmica de construção. No entanto, importa salientar que estes trabalhos incidem em valas estreitas, tornando condicionada a interpretação das estruturas e dos depósitos registados.

As fontes históricas indicam a presença na Rua das Tendas, actual Rua Marquês de Ponte de Lima, do primeiro mercado de louças e olarias de Lisboa, datado do século XV (Araújo, 1992, p. 68).

Para além das evidências arqueológicas mencionadas e dos registos escritos, a própria toponímia das ruas, nomeadamente a Rua das Olarias, poderá ser indicativo das actividades que se desenvolveram em cada área.

CONTEXTOS INTERVENCIADOS

A maioria dos contextos identificados pode ser interpretada como áreas de lixeira ou de despejos de produção cerâmica, dado o elevado número de fragmentos cerâmicos recolhidos, nomeadamente de cerâmica comum, assim como a presença de depósitos com restos de carvão e cinza.

Relativamente à actividade oleira, apesar de existirem vários vestígios desta actividade nesta área da cidade (já mencionados anteriormente), durante a presente escavação não foi registada nenhuma estrutura tipo forno, existindo apenas indícios indirectos que sustentam esta interpretação, referindo-nos nomeadamente a uma fossa, escavada na sondagem 3, cheia por depósitos nos quais se observou a presença frequente de cinzas, e onde se recolheu um grande número de fragmentos de trempes, em conjunto com alguns fragmentos de cerâmica vidrada, que apresentavam algumas deformações ao nível do revestimento vidrado. Para além destes vestígios, o próprio nome de algumas ruas próximas, como exemplo a Rua das Olarias,

leva a crer que existiria produção oleira na zona, sendo que o facto de não existirem mais evidências materiais de fornos para a cozedura de cerâmica e instalações de apoio poderá estar relacionado não só com a renovação/remodelação do edificado nesta zona com o passar do tempo, mas poderá também decorrer da destruição provocado pelo terramoto de 1755. Em trabalhos anteriores no local (Carvalho, Monteiro, Bugalhão, 2007) já haviam sido observados níveis arqueológicos que se poderiam relacionar com acções pós-terramoto, sendo que também nesta última intervenção foi igualmente possível registar a existência de pelo menos um depósito de aterro, na sondagem 1, passível de se interpretar como resultado indirecto do terramoto de 1755. Se efectivamente este evento natural ou alguma das permanentes transformações do tecido urbano resultou na destruição de algum forno anteriormente existente neste local, os dados actualmente disponíveis não permitem corroborar qualquer uma das hipóteses, permanecendo em aberto como ferramentas de trabalho.

No que respeita às estruturas identificadas no decorrer do presente trabalho, a sua interpretação carece de dados adicionais que permitam determinar a funcionalidade dos espaços que definiam, podendo apenas em alguns casos propor-se uma cronologia para a sua construção/ utilização.

Relativamente às estruturas identificadas na sondagem 1, foi possível verificar a existência várias fases construtivas, com diferentes concepções do espaço. Em termos cronológicos, as estruturas mais recentes podem ser datadas do século XX, e as mais antigas dos séculos XVI-XVII. A interpretação da funcionalidade dos espaços que delimitavam encontra-se condicionada, não só porque os depósitos associados se reportam na sua maioria ao momento de abandono, como pelo facto de não se ter recuperado a planta completa.

A concepção do espaço definido pelas estruturas consideradas na fase IX pode resultar da afectação do antigo edifício pelo terramoto que atingiu Lisboa em 1755. O terramoto pode ainda ser a causa da formação do depósito [111], sobre o qual assentaram posteriormente as referidas estruturas. Os dados disponíveis não permitem determinar o intervalo temporal que medeia a formação do depósito [111] e a reconstrução deste espaço. Refira-se ainda que este depósito representa a única evidência de que o edifício foi de algum modo afectado pelo terramoto, não se tendo observado em mais nenhuma sondagem vestígios da catástrofe natural.

Em relação às estruturas identificadas na sondagem 4, pode apenas afirmar-se que as estruturas [403] e [412] são as mais recentes, pertencendo a estrutura

[406] a uma fase intermédia, e a estrutura [414] a mais antiga, dado que é coberta por uma das estruturas referidas, [406], e é possivelmente cortada pela vala de fundação das outras. A datação absoluta destas estruturas encontra-se limitada pelo facto de a componente artefactual associada se reportar quase em exclusivo a cerâmica comum. Usando como critério a ausência de faiança e louça malegueira, pode apontar-se os finais da Idade Média, início do Período Moderno como cronologia possível, importando nunca descurar a relatividade do critério utilizado.

No que concerne às estruturas identificadas na sondagem 5, as suas características permitem colocar a hipótese de ter existido pelo menos um compartimento no local antes da construção do actual edifício, não sendo, no entanto, possível com os dados disponíveis determinar a sua funcionalidade ou a sua cronologia de construção/utilização.

Relativamente ao muro identificado na sondagem 8, tendo em conta os depósitos de formação posterior, poderá indicar-se uma cronologia de época moderna, sendo necessariamente mais antigo do que as construções que actualmente se encontram erigidas.

Em relação às restantes paredes do edifício, nas quais se procedeu à observação da estratigrafia associada (sondagem 3, 5, 7), estas assentam em depósitos que apontam para cronologias de época moderna, séculos XVI/XVII. As paredes das sondagens 6 e 8 não podem ser datadas com os dados disponíveis, pelo facto de não ter sido possível identificar as respectivas valas de fundação, e ambas assentarem em depósitos arqueologicamente estéreis, podendo apenas propor-se no caso da sondagem 8, que a estrutura terá sido construída ao mesmo tempo que todo o corpo edificado onde esta se insere, incluindo a parede analisada na sondagem 7, a qual se apresenta como hipótese os finais do século XV como momento da sua construção.

Após a realização das sondagens parietais, verificou-se que todas as paredes do edificado anexo ao edifício principal eram construídas em taipa, notando-se, contudo, que a parede da sondagem 12 apresentava dois momentos construtivos, um em taipa e outro em alvenaria, o que significa a existência de duas concepções de espaço distintas, tendo existido possivelmente o emparedamento de uma janela.

Em termos de utilização do espaço poderá afirmar-se que a parte exterior do actual edificado sofreu um maior número de alterações, sendo que sob o actual edifício existem também vestígios de anteriores construções, colocando-se por isso a hipótese de se tratar de uma reconstrução pós-terramoto.

COMPONENTE ARTEFACTUAL

Os depósitos escavados nas diferentes sondagens apresentam, numa primeira análise, uma uniformidade em termos de componente artefactual. Caracterizam-se pela presença muito frequente de cerâmica comum, moderada de cerâmica vidrada e ocasional de faiança. Apenas os contextos da sondagem 3 diferem ligeiramente dos restantes, na medida em que aparentam tratar-se dos despejos de uma olaria, tendo-se por esse motivo observado uma elevada quantidade de fragmentos de trempes, uns sem qualquer revestimento e outros revestidos com vidro. Importa também referir a recolha nas sondagens 1 e 3 de fragmentos de cerâmica comum decorados com pequenas incrustações de quartzo. A análise preliminar dos materiais permite datar a formação destes contextos de época moderna, com especial incidência nos séculos XVI/XVII, com excepção para a sondagem 9, cuja formação dos depósitos identificados datam de final do século XIX, inícios do século XX. Importa, no entanto, destacar a possibilidade de alguns contextos poderem ser datados dos séculos XIV-XV, interpretação sustentada apenas pela ausência de faiança ou louça malegueira nos depósitos das sondagens 4, 5, 6 e 8. Em relação à cerâmica importada, destacam-se as faianças da zona valenciana, em maior quantidade, existindo ainda faianças importadas da área de Sevilha e louça majólica, produzida em Itália, para além da presença de um único fragmento de porcelana chinesa. Por fim, observa-se a recolha de algumas moedas nas sondagens 4 e 6, não sendo no entanto possível fazer uma leitura das mesmas dado o seu mau estado de conservação. Importa ainda salientar o facto de este estudo incidir sobre uma parcela do espólio recolhido e não sobre a sua totalidade.

CERÂMICA COMUM E VIDRADA

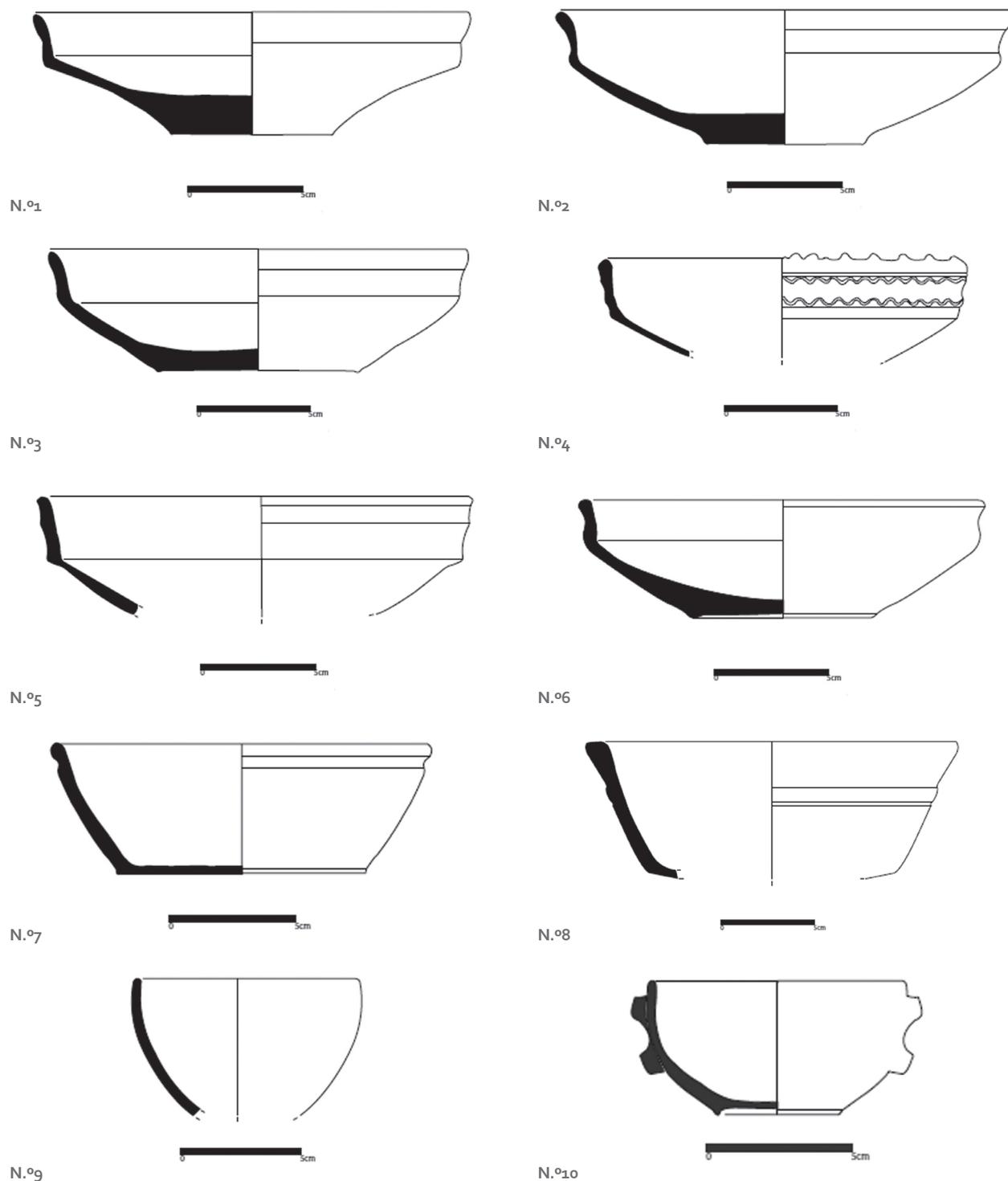
Estes tipos de cerâmica constituem a maior parte do espólio artefactual recolhido, sendo os restantes achados apenas uma pequena percentagem do total encontrado. Dentro destes dois tipos cerâmicos destaca-se a cerâmica comum, à qual pertence a grande maioria dos fragmentos. Em termos de formas, regista-se uma grande variedade formal, estando representadas testos, taças com e sem carena, alguidares, tachos e panelas, púcaro, almofariz, caçarolas, pratos, escudela de asas e candeias. Salienta-se o facto de existirem, nos depósitos relativos a uma fossa atribuível a restos de uma olaria, fragmentos cerâmicas que apresentavam claras malformações ao nível do revestimento (vidrado) e da própria forma. Para a análise tipológica

optou-se por seguir a metodologia utilizada por Artur Martins e Carlos Ramos (Martins, Ramos, 1992) tendo os recipientes sido divididos em dois grandes grupos: formas fechadas e abertas.

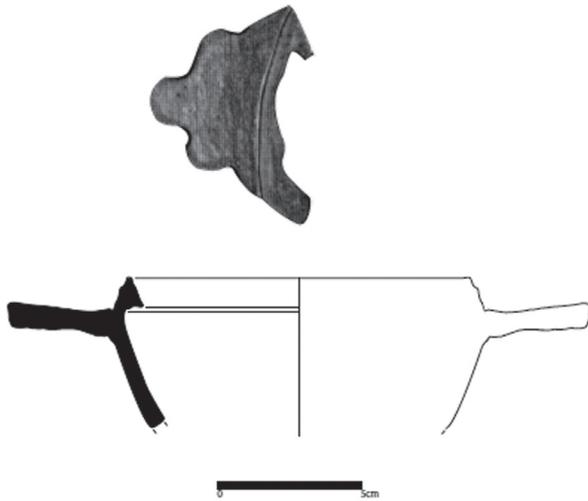
De todas as formas alvo deste estudo a que aparenta ter maior representatividade é o grupo das taças (fig. 1, n.ºs 1 a 10), encontrando-se neste estudo dez peças, seis com carena, e quatro sem carena. Das peças seleccionadas destaca-se um exemplar de taça, proveniente da sondagem 3, com um pequeno elemento de prensão no corpo

da peça composto por duas "saliências", encontrando-se a taça revestida com um vidrado esverdeado. Uma segunda peça difere das restantes pelo facto de apresentar evidentes deformações ao nível da forma, tendo sido muito provavelmente já cozida com este defeito.

No que respeita à escudela (fig. 2, n.º 11), apresenta pasta bege/esverdeada, com vidrado esverdeado em ambas as superfícies, uma asa horizontal um pouco abaixo do bordo, que parte da carena.

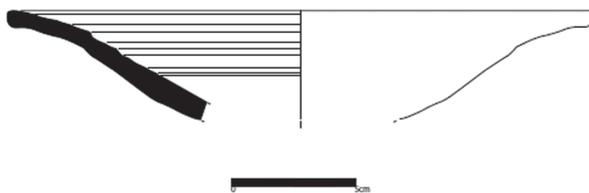


1. Cerâmica comum e vidrada: taças.

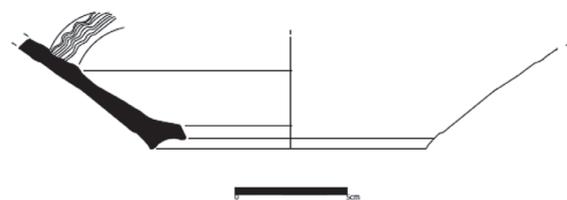


2. Escudela.

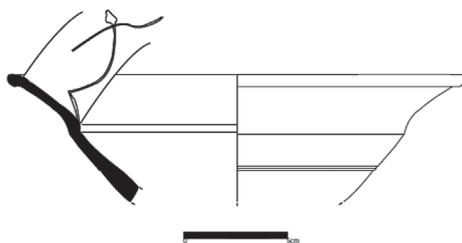
Para finalizar a parte correspondente à cerâmica de mesa, identificaram-se três pratos (Ilustrações n.ºs 12 a 14), todos eles vidrados, variando entre cor de mel e esverdeado, sendo que dois apresentam decoração na parte interior mais próxima do bordo, um com um motivo vegetalista (Ilustração n.º 14) e um segundo apresenta um padrão com incisões onduladas (fig. 3, n.º 12).



N.º12



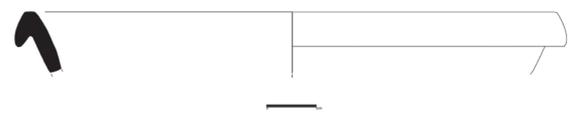
N.º13



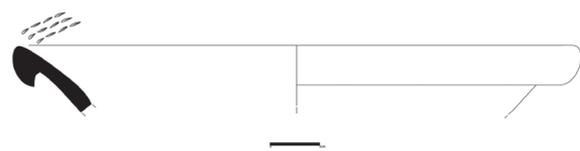
N.º14

3. Cerâmica vidrada: pratos.

Relativamente à cerâmica de cozinha, registaram-se dois alguidares (fig. 4, n.ºs 18 e 19), ambos apresentando pastas laranjas, sendo possível num observar um brunido na parte interior, e no segundo um revestimento de vidrado verde contendo ainda uma decoração, junto do bordo, composta por três fiadas paralelas de pequenas incisões semelhantes a gotas. Para a confecção de alimentos temos três caçarolas (fig. 5, n.ºs 15 a 17) apresentadas todas pasta de cor laranja, tendo um corpo simples de forma direita e apresentando bordos extrovertidos com inflexão, salientando-se o facto de também em todas elas se poder observar marcas de fogo na superfície exterior, demonstrando que terão sido efectivamente utilizadas para uso culinário.



N.º18

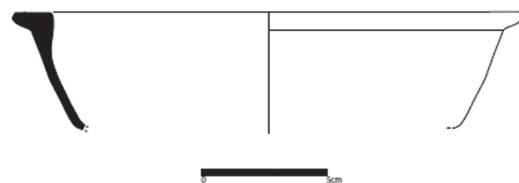


N.º19

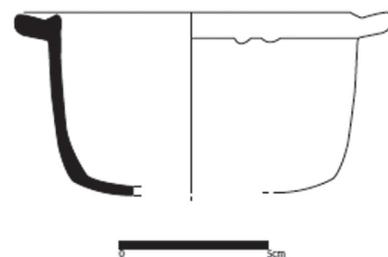
4. Cerâmica comum e vidrada: alguidares



N.º15



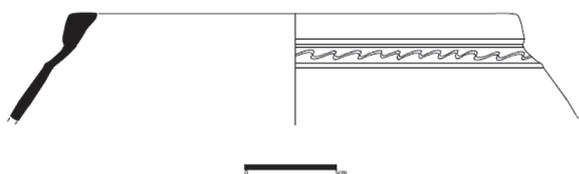
N.º16



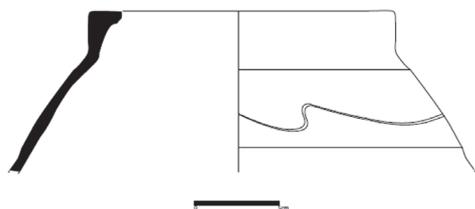
N.º17

5. Cerâmica comum: caçarolas.

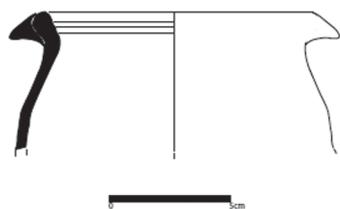
Os recipientes de forma fechada encontram-se representados por três panelas (fig. 6, n.ºs 20 a 22) e um pequeno púcaro (fig. 7, n.º 23). Todas as panelas apresentam cozedura oxidante, pasta laranja, sendo que duas (fig. 6, n.ºs 20 e 21) apresentam decoração incisiva, uma com uma simples linha ondulada à volta da peça na zona do bojo e outra também com uma linha ondulada mas encontrando-se limitada por duas linhas rectas em cima e abaixo na zona imediatamente acima da carena. A terceira (Ilustração n.º 22), para além de não apresentar decoração, difere das restantes pelo facto de apresentar marcas de fogo e uma pequena pega triangular na continuação do bordo. Em relação ao púcaro, apresenta cozedura oxidante, pasta laranja, e encontra-se brunido em ambas as superfícies, tendo uma asa que se prolonga desde o bojo até à continuação do bordo.



N.º 20

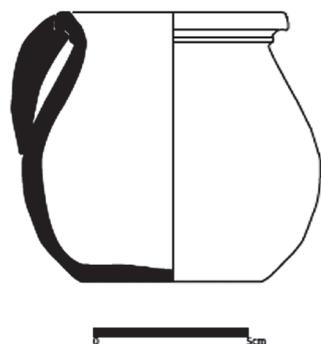


N.º 21



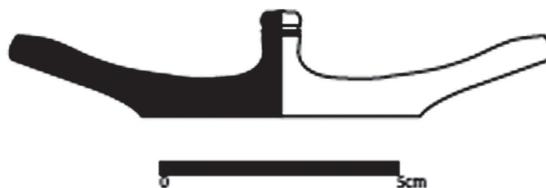
N.º 22

6. Cerâmica comum: panelas.

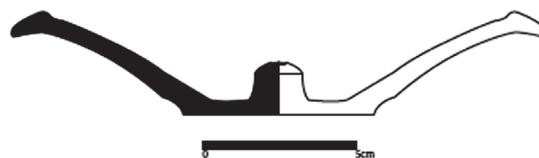


7. Púcaro (n.º 23).

Destaca-se ainda o conjunto de testos recolhidos, que podem ser relacionados com as panelas, representados em grande, estando representados dois tipos: um testos de bordo arredondado e testos com barbeta (figs. n.º 24 e 25).



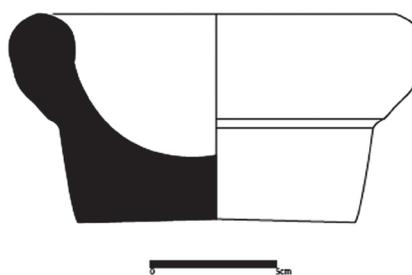
N.º 24



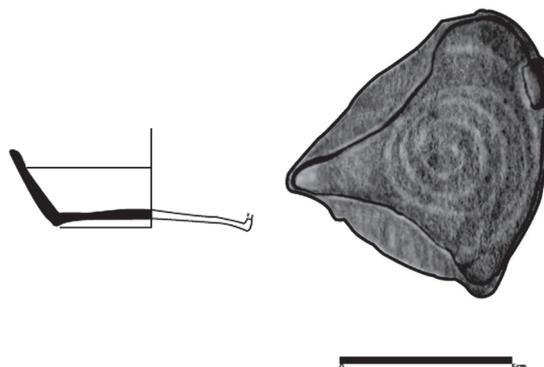
N.º 25

8. Cerâmica comum: testos.

Para além dos recipientes mencionados, foram recolhidos fragmentos de outras formas, nomeadamente um almofariz completo (fig. 9, n.º 26) de pasta laranja e paredes bastante espessas, e vários fragmentos de candeias, tendo um fundo plano e apresentando um dos lados estrangulados formando um bico, como temos demonstrado na ilustração n.º 27. Tendo em conta o contexto de onde foram recolhidos estes fragmentos poderá apontar-se para uma cronologia genérica do período moderno.



9. Almofariz.



10. Candeia.

Devido à especificidade da decoração parece-nos importante referir a presença nas sondagens 1 e 3 de fragmentos de cerâmica com incrustações de quartzo (fig. 11), apresentando decoração incisa com motivos triangulares seguindo a colocação das pedras de quartzo. A caracterização tipológica destes fragmentos é condicionado pelo reduzido tamanho das peças, podendo colocar-se a hipótese de se reportarem a taças. A produção deste tipo de cerâmica no território nacional pode ser enquadrada, em termos genéricos, desde o século XVI até ao século XVIII. Salienta-se no entanto que podem existir produções anteriores, no século XV, pelo menos na zona do Barreiro (Sardinha, 1999, p. 190).

FAIANÇA

Recolheram-se fragmentos de faiança apenas nas sondagens 1, 2, 3, 6 e 9, sendo que esta última se destaca das restantes pelo facto de apresentar uma cronologia significativamente mais recente, apontando-se para os finais do século XIX e inícios do século XX, comparando com as cronologias das outras sondagens que se enquadram nos séculos XVII e XVIII. Observa-se o facto de o tamanho reduzido dos fragmentos não permitir na maioria dos casos realizar a classificação da forma.

Iremos neste estudo, a título de amostragem, centramo-nos nas sondagens 3 e 9, dado que no que se refere à sondagem 3 estas se tornam importantes na datação do que julgamos tratar-se de uma fossa de despejo de uma olaria e no caso da sondagem 9 as faianças re-presentam os elementos de datação de carácter mais recente (século XIX-XX) distinguindo por isso esta sondagem das restantes em termos cronológicos. Em relação à sondagem 3, os fragmentos de faiança recolhidos no depósito [303] (fig. 12) podem ser enquadrados genericamente em produções do século XVII, tendo em conta os motivos decorativos que se podem observar, nomeadamente as decorações com "rendas" e o uso do azul com contorno a manganés (Dordio, Teixeira, Sá, 2002), pertencendo os fragmentos possivelmente a pratos e taças. No que se refere à sondagem 9 (fig. 13), as faianças podem ser datadas de finais do século XIX e início do XX, apresentando como exemplo um fragmento de uma faiança de produção nacional, com fundo branco, representando motivos vegetalistas em policromia (Dordio, Teixeira, Sá, 2002) pertencente possivelmente a uma taça, e um segundo fragmento de faiança produzido na fábrica de louça de Sacavém, decorada com estampagem de papel, apresentando motivos vegetalistas em tom verde sobre fundo branco (Assunção, 1997) pertencente a um prato.

CERÂMICA DE IMPORTAÇÃO

As sondagens (1, 2, 3 e 7) nas quais se recolheram fragmentos de cerâmica importada correspondem na sua totalidade a contextos que podemos classificar como de lixeira, ressalvando-se a sua expressividade no conjunto, embora em muito menor número quando comparada com a cerâmica comum. Correspondem a importações predominantemente do sul de Espanha, existindo também, em menor número, fragmentos de produções



11. Fragmentos de cerâmica com incrustações de quartzo, [315].



12. Fragmentos de faiança, [303].

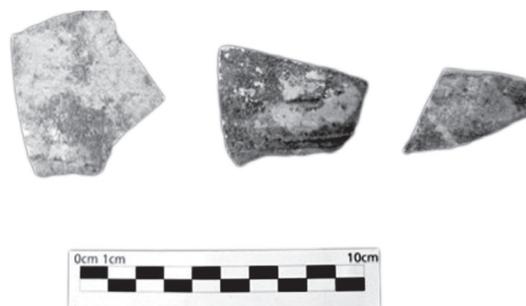


13. Fragmentos de faiança, [904].

italianas e um fragmento de porcelana chinesa, podendo enquadrar-se o período de comercialização das peças entre os séculos XVI e XVII exceptuando um fragmento de faiança majólica para o qual a sua cronologia de produção aponta para o final do século XV, e um segundo fragmento de cerâmica de Paterna/Manises para o qual se recua o período de produção até aos séculos XIV-XV.

Em relação às peças com origem no sul de Espanha, estas podem ser divididas por dois locais de importação: Sevilha e de Valência. A designada loiça malegueira, com origem na zona de Sevilha, encontra-se representada por três fragmentos (fig. 14) recolhidos na sondagem 2, pertencentes provavelmente a tigelas, revestidas com esmalte branco apontando-se o seu fabrico para o século XVI (Dordio, Teixeira, Sá, 2002). No que respeita à loiça valenciana, de Paterna/Manises, foram recolhidos três fragmentos, nas sondagens 1 e 2. O fragmento representado na figura 15, proveniente do depósito [112], pertence a uma escudela decorada com um padrão pintado a dourado (Puig I Jorba, 1995). Um segundo fragmento também da [112] (fig. 16), que consiste num fundo em branco com um leão desenhado a dourado, rodeado por uma cartela em azul, fazendo possivelmente parte de um brasão, podendo estas peças enquadrar-se nos séculos XV/XVI. Um terceiro fragmento (fig. 17) foi recolhido na sondagem 2, [204], possivelmente pertencente a uma taça, apresentando uma decoração a azul-cobalto, cronologicamente enquadrável entre os séculos XIV e XV (Puig I Jorba, 1995), ou seja, ligeiramente anterior aos restantes fragmentos.

As produções oriundas de Itália encontram-se representadas por três fragmentos, um oriundo da sondagem 2 e os restantes da sondagem 7. O fragmento recolhido na sondagem 2 (fig. 18) corresponde a um fundo de prato com o desenho de uma cara contornada a azul, e com fundo a amarelo. As características cromáticas aparentam tratar-se de cerâmica majólica, de fabrico no século XVI-XVII, possivelmente em Itália, havendo no entanto a possibilidade de se tratar de produção nacional se tivermos em conta a existência da produção de azulejos com esta técnica na zona de Lisboa, no segundo quartel do século XVII, cujo contorno das figuras é feito em azul-cobalto, contrariamente às produções importadas, em que contorno é feito em manganês (AAVV, 2008, p. 204-205), observando-se essa mesma característica neste fragmento cerâmico. Pode por isso existir a possibilidade de, para além de azulejos, ter sido também produzida cerâmica com o contorno a azul-cobalto, não existindo até ao momento possibilidade de confirmar ou não esta hipótese. Os restantes dois fragmentos, provenientes da sonda-



14. Loiça malegueira da proveniente da sondagem 2.



15. Loiça valenciana proveniente do depósito [112].



16. Loiça valenciana proveniente do depósito [112].



17. Loiça valenciana proveniente do depósito [204].

gem 7, refere-se um deles (fig. 19) a um fragmento de um bordo de prato em esmalte azulado com desenhos vegetalistas, pintados em azul mais escuro sobre esse esmalte de cerâmica majólica, produzida em Itália durante o século XVI, sendo o segundo fragmento (fig. 20) pertencente a uma forma desconhecida apresentando pintura policroma, observando-se tons de amarelo, azul



18. Produção italiana proveniente da sondagem 2.



22. Azulejos do depósito [111].



19. Produção italiana proveniente da sondagem 7.



20. Produção italiana proveniente da sondagem 7.



21. Taça em porcelana.

e branco, perfazendo o tema decorativo denominado de “tridente” (AA VV, 2008), havendo um ligeiro recuo no período de fabrico em relação ao fragmento anterior, sendo esta produção do final do século XV.

Importa destacar ainda a presença de um pequeno fragmento da boquilha de um cachimbo em caulino, recolhido na sondagem 1, que pelas reduzidas dimensões e falta de qualquer decoração não torna possível a identificação da sua origem, ficando por isso a nota de que o seu fabrico se encontrará, com maior probabilidade, em Inglaterra ou Holanda.

No que respeita a importações com proveniência de fora da Europa, recolheu-se apenas um fragmento de uma taça em porcelana (fig. 21) pertencente cronologicamente à dinastia Ming (mais provavelmente do século XVI/XVII), com decoração vegetalista a azul-cobalto sob vidrado (Matos, 1996) de produção na China, recolhido na sondagem 3.

AZULEJOS

Os únicos azulejos recolhidos neste trabalho são provenientes da sondagem 1, destacando-se os azulejos

(fig. 22) recuperados no depósito [111], que se podem enquadrar cronologicamente entre inícios do século XVII e a primeira metade do século XVIII (VVAA, 2003, p. 60-61 e 111), salientando-se os fragmentos de um azulejo de figura avulsa, e uma peça pertencente a um painel de azulejos de ponta de diamante.

CONCLUSÃO

Os trabalhos arqueológicos realizados no Quarteirão dos Lagares permitiram identificar contextos arqueológicos preservados, de época moderna, na sua maioria interpretados como áreas de lixeira ou de despejos de produção cerâmica. Relativamente a esta actividade, não foi registada nenhuma estrutura passível de ser interpretada como forno, existindo apenas indícios indirectos que sustentam a interpretação avançada. O facto de não se ter identificado nenhum forno pode resultar efectivamente da sua ausência, mas pode igualmente resultar do facto desta zona da cidade ter sido amplamente afectada pelo terramoto de 1755.

Os depósitos escavados nas diferentes sondagens apresentam, numa análise preliminar, uma uniformi-

dade em termos de componente artefactual. Caracterizam-se pela presença muito frequente de cerâmica comum, frequente de fauna, moderada de cerâmica vidrada e ocasional de faiança. A análise preliminar dos materiais permite datar a formação destes contextos de época moderna, com especial incidência nos séculos XVI/XVII, com excepção para a sondagem 9, cuja formação dos depósitos identificados datam de final do século XIX, inícios do século XX. Importa, no entanto, destacar a possibilidade de alguns contextos poderem ser datados dos séculos XIV-XV, interpretação sustentada apenas pela ausência de faiança ou louça malegueira nos depósitos das sondagens 4, 5, 6 e 8.

Em relação à cerâmica importada, destacam-se as faianças da zona valenciana, em maior quantidade, existindo ainda faianças importadas da área de Sevilha e louça majólica produzida em Itália, para além de uma muito reduzida presença de porcelana importada da China.

Importa ainda destacar na sondagem 3 a identificação de uma fossa, cheia por depósitos nos quais se destaca a presença de cinzas e as características dos materiais

que foram recolhidos, nomeadamente defeitos no vidro, que sustentam a interpretação desta área se relacionar com os despejos resultante da produção de cerâmica. Estes contextos sustentam a interpretação avançada em trabalhos anteriores (Carvalho, Monteiro, Bugalhão, 2007), relacionando esta zona da cidade com a produção de cerâmica em época baixo-medieval/moderna.

Existem outros indícios da actividade de produção oleira, resultante de outros trabalhos arqueológicos, nomeadamente âmbito do Plano de Renovação da Rede da Epal, realizados nas Escadinhas do Monte, onde se recolheram, ainda que descontextualizadas, trempe, indicadores da produção oleira, em associação com contentores cerâmicos e cerâmica de construção. Na Rua da Amendoeira, situada a Sul da Rua dos Lagares, registou-se um forno de cerâmica comum e telha, datado do século XV. A própria toponímia das ruas, nomeadamente a Rua das Olarias, poderá funcionar como um indicador de contextos arqueológicos ainda preservados no sub-solo.

BIBLIOGRAFIA

AAVV (2003) – *Museu Nacional do Azulejo – Roteiro*, Instituto Português de Museus/Edições ASA.

AAVV (2008) – *Tavira, patrimónios do mar*, Câmara Municipal de Tavira.

ARAÚJO, N. (1992) – *Peregrinações Em Lisboa*. III Livro, Lisboa: Vega.

ASSUNÇÃO, A. P. (1997) – *Fábrica de Louça de Sacavém*, Edições Inapa.

BARKER, P. (1989) – *Techniques of archaeological excavation*, 2 ed., London, Batsford Book.

BARREIRA, P.; DORDIO, P. e TEIXEIRA, R. (1995) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII, In *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu estudo*, Câmara Municipal de Tondela.

BONIFÁCIO, M. F. (1994) – Mouraria. In *Dicionário da História de Lisboa*, Sacavém: Carlos Quintas e Associados.

CARDOSO, G. e RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais, In *Arqueologia Medieval*, 6, Edições Afrontamento, Lda.

CARVALHO, E.; MONTEIRO, J.L. e BUGALHÃO, J. (2007) – *Quarteirão dos Lagares*. Relatório de Trabalhos Arqueológicos, exemplar policopiado.

DIOGO, A. M. D. e TRINDADE, L. (1995) – Cerâmicas da época do terramoto de 1755 provenientes de Lisboa, In *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu estudo*, Câmara Municipal de Tondela.

DIOGO, A. M. D. e TRINDADE, L. (1995) – Intervenção arqueológica na rua João do Outeiro, n.º 36/44, na Mouraria, em Lisboa, In *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu estudo*, Câmara Municipal de Tondela.

DIOGO, A. M. D. e TRINDADE, L. (2003) – Cerâmicas de Barro vermelho de entulhos do terramoto de 1755 provenientes da sondagem 14 da rua dos Correiros em Lisboa, In *Actas das 3.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu estudo*, Câmara Municipal de Tondela.

DORDIO, P.; TEIXEIRA, R. e SÁ, A. (2002) – Faianças do Porto e Gaia: o recente contributo da arqueologia, In *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*, Lisboa, IPM.

HARRIS, E. C (1991) - *Principios de Estratigrafia Arqueológica*, Barcelona, Editorial Critica.

MARTINS, A. e RAMOS, R. (1992) – Elementos para a análise e descrição de produções cerâmicas, In *VIPASCA: Arqueologia e história*, n.º 1, Câmara Municipal de Aljustrel.

MATOS, M. A. (1996) – *A casa das porcelanas, cerâmica chinesa da casa-museu Dr. Anastácio Gonçalves*, Instituto Português de Museus e Philip Wilson Publishers.

MESQUIDA GARCIA, M. (1995) – La cerâmica azul y dorada de Paterna: formas y decoraciones, In *Actas das 1.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu estudo*, Câmara Municipal de Tondela.

PUIG I JORBA, J. (1995) – *Mostra de cerâmica decorada dels segles XIII al XVII descoberta a Esparreguera*, Esparreguera.

RODRIGUES, M. A. e REBANDA, N. (1995) – Cerâmicas Medievais do Povoado Desertificado de Sta. Cruz da Vilarça, In *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu estudo*, Câmara Municipal de Tondela.

SARDINHA, O. (1999) – Notícia sobre as peças pedradas do galeão «San Diego» (1600), In *Arqueologia Medieval* 6, Edições Afrontamento, Lda.